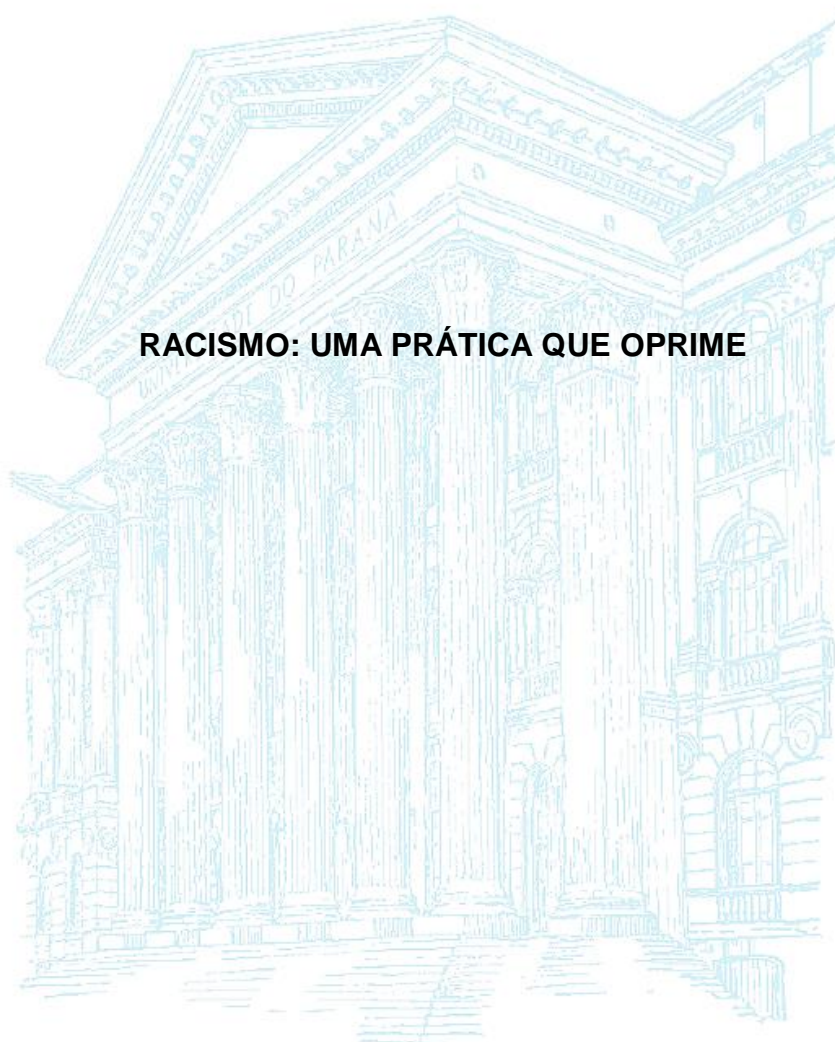


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA ELISIÁRIO DOS SANTOS



**RACISMO: UMA PRÁTICA QUE OPRIME**

ITAMBÉ

2016

SANDRA ELISIÁRIO DOS SANTOS

**RACISMO: UMA PRÁTICA QUE OPRIME**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Ana Christina Pires

ITAMBÉ

2016

# **RACISMO: UMA PRÁTICA QUE OPRIME**

**<sup>1</sup>Sandra Elisiário dos Santos; <sup>2</sup>Ana Christina Pires**

<sup>1</sup>Docente da escola Yoshio Hayashi e Cmei Angelo viegas em Sarandi e Maringá:  
sandraelissant@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente da Universidade Federal do Paraná, UFPR: anachrisdp@gmail.com

## **RESUMO**

Para realizar este estudo, optou-se por uma pesquisa, bibliográfica e aplicação de um projeto com análise de referências e literaturas que tratam sobre o tema Racismo. Essa pesquisa bibliográfica e aplicação do projeto visam buscar informações e reflexões acerca do Racismo e suas implicações, de forma que se possam instruir os profissionais da educação, pais e os próprios alunos a lidar com as situações de preconceito e racismo e principalmente os profissionais a estarem lidando com as crianças, adolescentes e a família de quem agem com atitudes racistas e preconceituosas e de quem sofre essas atitudes. Neste sentido, essa pesquisa tende a levantar algumas discussões relacionados ao que é ser negro, a mulher negra, a escola, políticas públicas, conquistas dos negros diante do racismo e do preconceito. Neste estudo será abordada uma grande preocupação de autores em relação ao Racismo na escola e o preparo do professor diante dessa diversidade.

Palavras-chave: Racismo; preconceito; negro; respeito

## **ABSTRACT**

To conduct this study, we chose to research, literature and implementation of a project with analysis of references and literature that deal with racism theme. This bibliographical research and application of the project aim to seek information and reflections on racism and its implications, so that they can instruct the teachers, parents and students themselves to deal with situations of prejudice and racism, and especially professionals are dealing with children, adolescents and the family who act with racist and prejudiced attitudes and those who suffer these attitudes. In this sense, this research tends to raise some discussions related to what is being black, the black woman, school, public policy, achievements of black on racism and prejudice in this study will be addressed a major concern of authors in relation to racism in school and the preparation of the teacher in front of this diversity.

## **INTRODUÇÃO**

O negro hoje no Brasil ainda carrega dificuldades que vem se arrastando desde a época da escravidão. Os negros não tinham perspectiva nenhuma em relação ao seu futuro. Segundo Neri (2010) “A situação que os negros encontraram no Brasil foi de repressão, opressão e trabalho escravo, ambiente próprio para desenvolver no povo um sentimento de inferioridade, na cultura, na religião, na vida em geral”.

Mesmo com as iniciativas de promoção de a igualdade racial terem conquistado cada vez mais destaque e espaço, as ações voltadas para acabar ou mesmo diminuir o racismo, ainda são tímidas para enfrentar o tamanho do preconceito existente na sociedade brasileira.

Segundo Pimentel; Silva e Santos 2014, “O racismo surgiu no Ocidente no século XVIII quando começaram a pesquisar para tentar explicar as ações do povo europeu durante o período colonial, e eles explicavam-se levando em consideração a religião e a cultura”.

Diante disso é triste saber que esse problema se arrasta de muito longe e só quem é negro sabe o que se sentir como lixo ou a escória da sociedade sem estudo e com dificuldade para arranjar emprego. Ai se pergunta que país é esse que se diz democrático e sem preconceitos? Segundo Guimarães (2005)

...o racismo foi, até recentemente um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Neste sentido percebe-se, que o racismo no Brasil se esconde debaixo do tapete, mas sabemos que ele acontece no cotidiano, numa brincadeira, numa frase aparentemente inofensiva (GUIMARÃES, 2005).

## **OBJETIVO GERAL**

Refletir sobre o racismo no Brasil em algumas esferas e também, analisar as suas conseqüências para o povo negro, lutas e conquistas e como a escola é fundamental neste processo.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Entender através de um resgate histórico quando se iniciou o racismo no Brasil.

- Compreender como foi se acentuando e ao mesmo tempo ficando meio que oculto esse comportamento.
- Conhecer as lutas e conquistas do povo negro no combate contra o racismo.
- Perceber a importância da escola na luta contra o racismo.

## **METODOLOGIA**

Para a organização do estudo, utilizou-se a metodologia de caráter bibliográfico de cunho qualitativo, sendo realizadas consultas em livros, revistas, sites, artigos, monografias e outros documentos que abordaram a temática pesquisada.

De acordo com Gil (2002) “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito além do aprimoramento das ideias que possam estimular uma melhor compreensão do problema estudado”. Gil (2010, p.1) define a pesquisa como o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Dessa forma, a metodologia da pesquisa é de cunho qualitativo, pois visa realizar uma análise baseada em idéias já existentes a fim de construir novos conhecimentos. Gil (2010, p.29-31) diz que: “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado”.

Acooplado a metodologia de pesquisa foi realizado um Projeto Didático ao longo do ano de 2015 na Escola Municipal Yochio Hayachi se estendo para comunidade local. Foi um trabalho desenvolvido pelos professores e equipe pedagógica com a participação dos alunos, pais e comunidade. Foram realizados estudos sobre a cultura afro, por meio de literaturas, palestras, teatros e finalizando com exposições de Arte e apresentações Culturais.

Em relação à aplicação das atividades, quando eu falei do projeto explicando o objetivo, os alunos ficaram um pouco desconfiados tentando entender sobre o que eu estava falando. Mas quando eu apresentei a literatura eles ficaram bem animados.

Durante o ano sempre foi abordado essas questões das diferenças até pelo fato que nessa escola as salas apresentam bastante diversidade. Durante as apresentações das literaturas e as outras atividades, foi muito bom, mas em

determinados momentos e atividades algumas professoras relataram que alguns alunos tiveram dificuldades em pintar personagem de marrom ou preto, alguns alunos se recusaram a pintar com essas cores e queriam por toda lei pintar com o famoso (cor de pele).

Essa atitude dos alunos causou certo desconforto, pois se achava que isso estava mais resolvido dentro deles até pelo fato de ter muita diversidade na escola. Diante desse acontecido ao questioná-los sobre as cores as respostas foram: “não gosto dessa cor e outro disseram que preferiam que ela fosse branca e o pior é que alguns desses alunos são negros, isso só reforça o que diz: (PIMENTEL, SILVA E SANTOS 2014)

Temos alunos que deixam de ir à escola por uma bagagem pesada de preconceitos do passado, e por isso essa grande necessidade de não contaminar nossas crianças com estereótipos negativos e sim conscientizá-las para não serem reprodutoras de racismo. As crianças são um bom caminho, pois reproduzem e colocam em pratica com grande facilidade o que aprendem e sabemos que não basta tratar o racismo apenas na escola, mas sim erradicar o mesmo em toda sociedade. Esse trabalho não é uma tarefa nada fácil, pois temos casos em que os próprios negros se colocam como menores e inferiores as demais raças existentes, esquecem de todo contexto histórico que ajudaram a formar em nosso país. (PIMENTEL, SILVA E SANTOS 2014)

Após esses relatos procurou-se retomar a conversa com mais força sobre as diferenças e o respeito que devemos ter com as pessoas e que não se pode mudá-las para que fiquem como a gente quer. Depois dessa conversa as outras atividades foram bem divertidas caminhando para os objetivos propostos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **PRECONCEITO RACIAL**

De acordo com Mendes (2010) a palavra preconceito é formada pelo prefixo latino “pré” (anterioridade, antecedência) mais o substantivo “conceito” (opinião, reputação, julgamento, avaliação). O preconceito é, portanto, o conceito formado antes de se ter os conhecimentos necessários; formado antecipadamente, sem maior ponderação.

Neste sentido os negros foram e são julgados pelas características físicas principalmente a cor da pele e sem se conhecer as suas origens, seus valores e cultura são vítimas do racismo oculto ou não, mas que fere e destrói a pessoa humana. “O racismo ocorre quando se atribui a um grupo determinados aspectos negativos em razão de suas características físicas ou culturais” (PIMENTEL, SILVA E SANTOS 2014).

## **O RACISMO E A MULHER NEGRA**

Outra parte dos negros que sofrem muito com o racismo são as mulheres que sofrem duas vezes por serem negras e mulheres em um país racista e machista. Ser mulher negra no Brasil não é viver simplesmente é uma missão um desafio. O Brasil se esconde atrás de uma demagogia que diz que a democracia impera nesse país em todos os sentidos, mas sabemos que isso não é verdade. E a mulher e a mulher negra sentem isso na pele.

E quando a mulher negra vai à busca de um emprego e recebe a resposta já foi preenchida, e quando do conquistam melhores cargos no mercado de trabalho dependem uma força fora do comum, sendo que algumas, provavelmente, pagam um preço alto pela conquista, muitas vezes, abdicando do lazer, da realização da maternidade, do namoro ou casamento. Pois, além da necessidade de comprovar a competência profissional, têm de lidar com o preconceito e a discriminação racial, que lhes exigem maiores esforços para a conquista do ideal pretendido. A exclusão sócio-econômica das mulheres negras é retratada por diversos autores, mas (PINHEIRO E SOARES 2003) diz:

Da população negra, aproximadamente a metade é composta e mulheres. As mulheres negras são mais de 41 milhões de pessoas, o que representa 23,4% do total da população brasileira. São essas que sofrem com o fenômeno da dupla discriminação [..], em consequência da conjugação perversa do racismo e do sexismo, as quais resultam em uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos por todas as dimensões da vida (PINHEIRO E SOARES 2003).

Quando se fala em mulher e mulher negra da uma sensação de divisão como se a mulher negra fosse algo de outro mundo, mas algo negativo. Apesar das transformações nas condições de vida da mulher em todo o mundo, em especial a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela discriminação.

Historicamente em nossa sociedade, os homens sempre estiveram no poder, dominando e liderando, restando às mulheres a obrigação de atender para os afazeres domésticos, geração e cuidados com os filhos sendo vista sempre como um sexo frágil e dependente do seu pai ou companheiro.

A mulher negra por sua vez, simplesmente por ser mulher, já não tinha os mesmos direitos que os homens, claro que os homens brancos. Além disso, também não possuía os mesmos direitos que a mulher branca, e por ser negra, conforme o discurso das classes dominantes pertencia a uma categoria que não merecia tanto destaque na sociedade.

Hoje, a maioria das mulheres, brancas e negras, conquistou a “liberdade” após anos e anos de submissão. Atualmente a mulher chefia mais da metade dos lares brasileiros, e a mulher negra está livre do trabalho nas casas dos senhores do café e da cana-de-açúcar, mas muitas delas estão vinculadas aos serviços informais nas casas dos grandes empresários.

Contudo, vale enfatizar, que a mulher apesar de assumir hoje, cargos que só os homens angariavam há algum tempo, tem o seu salário incompatível com a posição ocupada, na maioria das vezes. Entende-se dessa forma, que as mulheres, principalmente as negras e pobres, são as mais prejudicadas em todo esse processo excludente de formação da sociedade brasileira.

As mulheres negras que conquistam melhores cargos no mercado de trabalho despendem uma força fora do comum, sendo que algumas, provavelmente, pagam um preço alto pela conquista, muitas vezes, abdicando do lazer, da realização da maternidade, do namoro ou casamento. Pois, além da necessidade de comprovar a competência profissional, têm de lidar com o preconceito e a discriminação racial, que lhes exigem maiores esforços para a conquista do ideal pretendido. A questão de gênero é, em si, um complicador, mas, quando somada à da raça, aumenta ainda mais o grau de dificuldade entre as suas agentes.

Partindo dessa reflexão acima sobre gênero e raça, podemos perceber que a dramaturgia acompanha essas transformações. O negro tinha pouco destaque nas novelas, melhor dizendo nem tinha destaque. A mulher negra por sua vez, quando aparecia era sempre como pobre e empregada e escravas da casa grande e são esses estereótipos que a mulher negra carrega em seu dia a dia. Segundo Arraes (2013)



O estereótipo de mulher trabalhadora e incansável é um dos mais antigos e reforçados, vigorando há centenas de anos e se adaptando às mudanças econômicas e culturais da sociedade. Se séculos atrás a mulher negra era usada e explorada como trabalhadora braçal, supostamente dotada de resistência física infinita, na contemporaneidade esse papel continua sendo intenso, as mulheres negras ainda são exploradas em campos de trabalho escravo, que ainda existem nos dias de hoje. Muitas delas são obrigadas a trabalhar em condições precárias e perigosas em troca de um valor monetário insignificante, estando presente na grande maioria das cozinhas dos lares brasileiros, mas praticamente nunca como grandes chefs da gastronomia e sim como eternas subalternas, que vivem para servir as famílias brancas e ricas (ARRAES, 2013)

Por isso fica a pergunta será que melhorou mesmo ou é só mais uma maquiagem do preconceito e racismo? Sendo assim percebe-se que a luta da mulher negra no Brasil é árdua para de fato conquistar o seu espaço seja na dramaturgia ou na vida real.

## **O RACISMO NA ESCOLA**

Outro contexto em que o racismo se encontra muito em evidencia é no contexto escolar, e muitas vezes começa lá na educação infantil, onde vemos crianças tão pequenas com atitudes racistas aos quais sabemos que não são delas e sim que aprenderam com alguém. A escola tem que ser um espaço onde a criança possa descobrir sua identidade e cabe ao professor contribuir e incluir em sua pratica pedagógica artefatos e literaturas que contribuam com essa construção. Segundo Lucena (2012 p.21) “Estes materiais devem ser o apoio para o educador ir de encontro com os estereótipos estampados na mídia, sendo assim uma grande ferramenta pedagógica, mas aposto em seu uso consciente, mergulhado num ambiente de reflexões e problematizações”.

Neste sentido, entendemos que o racismo está em todas as esferas da sociedade, mas é na escola que a mudança deve começar. De acordo com Cavalleiro (2011) em texto publicado ela faz uma critica em relação à escola e outras instancias da educação e diz:

Muitos admiram Monteiro Lobato. Eu admiro Luiz Gama que se valeu das páginas da imprensa em defesa da liberdade dos escravizados e disse, sintetizando nossa ainda atual resistência cotidiana: “Em verdade vos digo aqui, afrontando a lei, que todo o escravo que assassina o seu senhor,

pratica um ato de legítima defesa”. O conhecimento é a arma que dispomos para lutar pela defesa de nossa história, nossa existência, bem como do futuro de nossos filhos e filhas. Essa é uma luta desigual, portanto desonesta. Mas ainda que muitos queiram nosso silêncio, seguiremos lutando e denunciando essa forma perversa de racismo que perdura na sociedade brasileira (CAVALLEIRO, 2011).

A escola é um local onde a diversidade é muito presente e o preconceito e racismo também, muitas vezes as pessoas tentam se enganar e enganar outras pessoas que no ambiente escolar não existe o racismo e sabemos que ele existe e é muito forte. De acordo com alguns autores o professor é a chave para o início dessa desconstrução do racismo na escola. Segundo Pimentel, Silva e Santos (2014) “O professor, principal agente, na escola, do processo de socialização transmissão do saber acumulado pela Humanidade”. Refletindo sobre o pensamento da autora, fica a pergunta. Como esse professor vai ser esse agente ou essa chave? Se ele próprio... desconhece o patrimônio cultural produzido por essa própria Humanidade, que inclui o negro, o índio e muitas etnias (PIMENTEL, SILVA E SANTOS 2014)

Diante disso, percebemos que o professor necessita de uma formação concreta e estarem aberto às diferenças, de modo que essa formação não fique só na falácia e sim se transformem em atitudes. Segundo Pimentel, Silva e Santos (2014):

[...] cabe uma formação específica para o professor de Ensino Fundamental, com o objetivo de fundamentá-lo para uma prática pedagógica, com as condições necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade constatados nos materiais pedagógicos, especificamente nos textos e ilustrações dos livros didáticos (PIMENTEL, SILVA E SANTOS, 2014)

O Brasil é um país rico em diversidade por isso não é a toa que as nossas escolas faz parte dessa riqueza, mas que não é aceita e nem respeitada e muitas vezes pelos próprios professores mesmo que inconsciente acabam tendo ou cometendo atitudes racistas e preconceituosas.

Nas escolas a história da África se resume em escravidão, candomblé, capoeira. Ao falar sobre as religiões de matriz africana como o candomblé os professores deixam evidente toda a sua desaprovação sem parar para pensar que pode está discriminando um aluno. Pois ninguém se diz racista, porem o preconceito com a cultura negra é evidente através de ações. (PIMENTEL, SILVA E SANTOS 2014)

É neste sentido que o preparo do professor é muito importante e defendidas por alguns estudiosos como MUNANGA que diz:

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsável de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (MUNANGA, 2005, p. 15).

## **A INVISIBILIDADE DA CRIANÇA NEGRA**

O preconceito racial é um sentimento tão devastador pra quem sofre, que no caso das crianças ele as tornam invisível. Podemos perceber isso claramente quando as crianças preferem a boneca branca de olhos azuis do que a boneca negra com fitinhas colorida no cabelo. E o mais triste é que percebemos que as próprias crianças negras preferem as bonecas brancas e isso não é culpa delas e sim de uma sociedade que lhe transmite uma referência negativa da pessoa negra.

De acordo com algumas situações vividas, pode-se perceber que a criança negra em muitas situações é tímida, quase não conversa, ninguém senta perto dela ou a chama para brincar e esse sentimento de invisibilidade vai crescendo dentro de si fazendo com que a criança odeie sua cor e suas origens.

E se tratando de preconceito e racismo dentro da sala de aula, cabe ao professor ao perceber essas manifestações procurar trabalhar para que aos poucos os alunos percebam que esse sentimento não deve existir entre as pessoas e que todos devem ser respeitados em suas diferenças. Para que isso aconteça faz-se necessário o envolvimento de todo um conjunto como: professores, funcionários, alunos, pais e o poder público, mas isso não acontece.

A exclusão educacional dos afro descendentes não é um dado apenas do passado escravista, mas dos dias atuais, tendo mudado somente as formas e os meios. Ontem a educação era formalmente negada à população afro descendente escravizado. Hoje a educação é informalmente negada à população negra, descendente dos escravizados, quando o sistema educacional proporciona escolas totalmente desequipadas, escolas

insuficientes, professores não preparados, currículos inadequados, material didático impróprio, conteúdos racistas, concepção de educação eurocêntrica/elitista, concepção da cultura brasileira errada. A população descendente de escravizados continua não tendo acesso à educação escolar, agora não por lei, mas pelo não-cumprimento das leis e pelas exclusões e racismos das práticas educacionais. (LIMA; ROMÃO; SILVEIRA, 1999, p. 31-32).

As crianças brancas e principalmente as negras têm que ter o conhecimento da cultura afro e outras culturas, saber que os negros foram e são um povo guerreiro e trabalhador. Assim as crianças brancas tendem a respeitar e as crianças negras se orgulharem.

## **CONQUISTAS DOS NEGROS**

Diante de tantos dissabores, percebemos que contra o racismo são travadas muitas lutas que as vezes parecem ser mesmo desiguais, mas o povo negro através dos movimentos se organizam e conseguem algumas vitórias claro que muito tímidas mas sempre almejando algo maior. Segundo MUNANGA (2001) Qualquer proposta de mudança em benefício dos excluídos jamais receberia um apoio unânime, sobretudo quando se trata de uma sociedade racista.

Antes nada se ouvia dizer sobre os negros como vivem antes da escravidão só estudava-mos como era a escravidão e a indiferença, mesmo a LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 garantindo a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar cultura, o pensamento, a arte e o saber”. Só que essa lei ficou bem apagada, pois nunca se ouvia dizer algo concreto que realmente trouxesse a discussão sobre a cultura afro. Com a Lei nº 10.639, do ano de 2003 onde se torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e sendo um marco na busca pela igualdade racial o estudo da cultura afro fica mais em evidencia e mais discutida nos bancos escolares.

Outra conquista do povo negro em luta contra a desigualdade racial é o sistema de cotas mesmo com muitas pessoas contra inclusive pessoas negras. Segundo Munanga em relação às cotas ele diz:

A questão fundamental que se coloca é como aumentar o contingente negro no ensino universitário e superior de modo geral, tirando-o da situação de 2% em que se encontra depois de 114 anos de abolição em relação ao contingente branco que sozinho representa 97% de brasileiros universitários. É justamente na busca de ferramentas e de instrumentos apropriados para acelerar o processo de mudança desse quadro injusto em que se encontra a população negra que se coloca a proposta das cotas. MUNANGA (2001)

Neste sentido, percebemos que a luta contra a desigualdade racial e o racismo é uma luta que está apenas começando e que começa desde os pequenos e perpassa por varias esferas da sociedade e a escola é um grande elo para essas mudanças.

## **CONCLUSÕES**

O tema principal dessa pesquisa é o Racismo um problema que se arrasta por muitos séculos. Ainda no tempo da escravidão o Racismo era mais declarado, com o passar do tempo ele foi sendo ocultado ao ponto de se dizer que no Brasil não existe o Racismo. Nos tempos atuais o racismo vem acompanhado pelo preconceito onde pessoas repudiam outras as julgando sem conhecê-las.

Neste sentido o Racismo vai ganhando força e atingindo varias esferas da sociedade, homens, mulheres, crianças, mundo do trabalho, o social, escolas e outros fazendo com que o negro não tenha pra onde correr para se proteger desse mal impregnado na sociedade.

Temos que concordar que houve grandes conquistas do povo e para o povo negro, mas que são muito tímidas diante da grandiosidade do racismo. Uma das abordagens desta pesquisa que é importante destacar é o racismo na escola que atinge as crianças de maneira quase fatal, tirando delas a auto-estima e se envergonhado de suas origens se fechando num mundo de tristeza se sentindo a pior pessoa do mundo e com seus sonhos limitados.

Neste sentido faz-se necessário trazer as famílias de descendência afro para essa discussão para que eles próprios se orgulhem e lutem pelo respeito as suas origens e se orgulhem dela e passando isso para seus filhos. A escola também tem um papel fundamental nessa desconstrução do racismo com profissionais preparados e abertos para essa transformação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para essa minha pesquisa seja na forma de empréstimos de livros, teses e artigos e até mesmo alguma opinião sobre o assunto. Agradeço também a orientação que tive para com esse trabalho e a instituição por oportunizar a realização desse curso contribuindo assim com novas reflexões e saberes.

## REFERÊNCIAS

- NERI, Josenildo de Paiva. **O negro na historia do Brasil: uma luta pela conquista dos direitos** (2010). Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/O-negro-na-historia-do-Brasil.pdf>. Acesso em: 16/01/2016
- PIMENTA, SILVA e SANTOS (2014). **Racismo na escola: Um desafio a ser superado**. Disponível em: [http://serra.multivix.edu.br/wpcontent/uploads/2015/06/Racismo\\_Escola\\_um\\_desafio\\_ser\\_superado\\_ped.pdf](http://serra.multivix.edu.br/wpcontent/uploads/2015/06/Racismo_Escola_um_desafio_ser_superado_ped.pdf) Acesso em: 06/01/2015
- GUIMARÃES Antonio Sergio Alfredo. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 2º Ed. São Paulo: 34. 2005
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.
- MENDES, Iba. **A origem do "Preconceito"**. Disponível em: <http://www.etimologista.com/2010/04/origem-do-preconceito.html>  
Acesso em: 10/01/2016
- PINHEIRO. L; SOARES. V. Retrato das Desigualdades Gênero e Raça. IPEA, UNIFEM. 2003 Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>. Acesso em: 10/01/2016
- ARRAES Jarid. **Mulher negra: nem escrava, nem objeto**. São Paulo. 2013. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2013/11/11/mulher-negra-nem-escrava-nem-objeto/>. Acesso em: 10/12/2016

GUIMARÃES Antonio Sergio Alfredo. **PRECONCEITO DE COR E RACISMO NO BRASIL**. Revista de Antropologia. São Paulo: vl. 47. nº1. 2004

MUNANGA Kabengele. **Políticas de Ação Afirmativas em benefício da população negra no Brasil**. Um ponto de vista em defesa de cotas. Revista Sociedade e Cultura. São Paulo: vl. 4. Nº2. p. 31-43. Julho/dez. 2001

GUIMARÃES Antonio Sergio Alfredo. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 2º Ed. São Paulo: 34. 2005. **Livro**

LUCENA Jessica Anjos. **“É cor de pele”**: Ação Pedagógica e Educação Antirracista na Educação Infantil. Porto Alegre. 2012

Disponível em:

[www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67888/000873816.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67888/000873816.pdf?sequence=1)

Acesso em: 14/01/2016

CAVALLEIRO Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**. Organizadora. Editora Heloisa pires Lima. São Paulo- Selo Negro edições. 3º edição- 2001.

Disponível em: [www.revistaforum.com.br/.../eliane-cavalleiro-muitos-admiram-monteiro](http://www.revistaforum.com.br/.../eliane-cavalleiro-muitos-admiram-monteiro).. Acesso em: 14/01/2016